



As redes enquanto estratégia de comunicação nas articulações entre os movimentos sociais participantes do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia¹

Lara LAGES²
Universidade Federal do Pará, PA

RESUMO

Mudanças só podem ser vislumbradas, como defende Boaventura de Sousa Santos, a partir da pluralidade e da construção de uma ética a partir de baixo. Nisso, os movimentos sociais tem um papel fundamental. Pretende-se discutir a proposta de articulação em rede de movimentos sociais. Como exemplo tomamos o Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia. Parte-se da hipótese, de que as redes são estratégias de comunicação nas articulações entre os movimentos sociais e entre pesquisadores ligados ao projeto.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; movimentos sociais; redes.

INTRODUÇÃO

Numa terra de sistemas sociais excludentes como a América Latina, entende-se aqui que mudanças só podem ser vislumbradas, como defende Boaventura de Sousa Santos (2006), a partir da pluralidade e da construção de uma ética a partir de baixo. Nisso, os movimentos sociais tem um papel fundamental.

O que se propõe discutir aqui, não exaustivamente nem conclusivamente, mas de modo a incitar reflexões, é a proposta de articulação em rede de movimentos sociais integrantes de um projeto de pesquisa, o Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (PNCSA). O projeto já foi discutido em congressos anteriores da Intercom, mas a dinâmica das relações de seus integrantes e a produção de conhecimento fruto da interação entre pesquisadores e movimentos sociais, faz com que seja uma fonte rica de análise sob diversas óticas, como a comunicação participativa no âmbito do PNCSA discutida em artigo apresentado no Intercom Norte de 2011.

Para este trabalho, parte-se da hipótese, de que as redes são estratégias de comunicação nas articulações entre os movimentos sociais, principalmente na *sociedade da informação*. Usa-se como base teórica os conceitos de Scherer-Warren acerca das

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania –, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Recém graduada do Curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo da UFPA, email: laratlates@gmail.com



redes sociais na *sociedade da informação* e percebe-se, então, o uso delas como estratégia de organização, articulação, informação e emponderamento de movimentos sociais na sua relação com a sociedade e com outros poderes instituídos. Enquanto estratégias de comunicação e de emponderamento, as redes “são as formas mais expressivas das articulações políticas contemporâneas dos movimentos sociais” (SCHERER-WARREN, 2006a, p. 222).

Assim, observaremos como isso se dá no âmbito do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia que traz, ainda, um outro elemento. Além da relação entre movimentos sociais, a relação com pesquisadores também é fundamental nas articulações que constroem a sua rede.

1 – OS NOVOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Globalização e grandes fluxos de informações, pessoas e serviços. Relativização do espaço e do tempo. Os processos sociais contemporâneos têm causado tamanho estremecimento nas estruturas da modernidade ocidental que, para entendê-los, somente levando em consideração o dinamismo das mediações que os alimentam.

As grandes matrizes identitárias, a saber, a ideia de Estado-Nação, classe e indivíduo, “se redefinem ou perdem parte dos papéis que antes exerciam” (ARAÚJO, HAESBAERT, 2007, p. 9). A chamada crise da modernidade põe em xeque as grandes narrativas e nos traz novos modos de coesão social. E os movimentos sociais são protagonistas nessa discussão. Não à toa eles têm estado presentes em muitos estudos. “Eles são laboratórios de criatividade, nos quais se testam novas alternativas societárias” (SCHERER-WARREN, 2005, p. 7).

Ilse Scherer-Warren (*Ibid.*, p. 13) faz uma reflexão sobre a produção teórica acerca dos movimentos sociais na América Latina. Para essa autora, as teorias estão ligadas a pelo menos dois fatores. O primeiro diz respeito à história do desenvolvimento latino-americano em seus aspectos econômicos, políticos e culturais. O segundo, à história do pensamento social latino-americano em suas articulações com o pensamento teórico internacional.

A conturbada formação de estados nacionais, politicamente autônomos, na América Latina, no século XIX, mais significou a reprodução de modelos de organização política europeus, em face da dissolução dos impérios luso-espanhóis, do que o resultado de organização autônoma de movimentos nacionalistas, o que Martín-



Barbero (2008, p. 218) denomina “*modo desviado* com que as classes populares se incorporam ao sistema político e ao processo de formação dos Estados nacionais”.

Esse autor argumenta, ainda, que o projeto de formar nações, no sentido *moderno* do termo, passará pelo estabelecimento de mercados nacionais. A entrada na tal modernidade se deu pelo estabelecimento de medidas que se adequassem ao capitalismo internacional. A América Latina tem, além de seu “desenvolvimento desigual”, descontinuidades nesse processo de modernização “dependente”. A estrutura política é marcada por um Estado centralista e que assume o papel de protagonista do projeto modernizador que, já no início do século XX, se baseia na substituição de importações. A heterogeneidade cultural que particulariza a maioria dos países latino-americanos sofre um processo de funcionalização, em que as diferenças ou são projetadas no conjunto da Nação ou são folclorizadas para efetuar o projeto de construção de uma identidade nacional.

É justamente “o descompasso entre Estado Nação e a irrupção política das massas na América Latina”, que exige mudar as perguntas de lugar, de abordar a comunicação a partir das mediações políticas e culturais. “O que no caso dos meios massivos implicaria construir sua história a partir dos processos culturais enquanto articuladores das práticas de comunicação – hegemônicas e subalternas – com os movimentos sociais”. (*Idem*, pp. 232-233).

As mudanças no contexto econômico, político e social a partir da década de 70 vão possibilitar a expansão de movimentos sociais “que levaram adiante lutas contra a repressão e a discriminação e, também, mobilizações dos setores populares da sociedade que lutavam pela apropriação de bens e serviços e pressionavam o sistema político a atender suas demandas sociais” (CARDOSO, 1985; GARCÍA CANCLINI, 1985 apud ESCOSTEGUY, 2010, p. 51). Já sinalizam o surgimento, no final da década de 1980, dos chamados *novos movimentos sociais*³ que travavam uma luta em defesa dos seus direitos, construindo uma outra forma de se auto-identificarem diante do cenário reconstituído até aqui. “O surgimento desses novos atores sociais colocou em xeque a cultura política tradicional. O reconhecimento dessas experiências coletivas, que incluíam práticas do viver cotidiano e interesses situados num campo mais vasto do que o da produção, renovaram o âmbito do político” (ESCOSTEGUY, 2010, p. 52).

³ Os novos movimentos sociais constituem-se desta forma por serem formados a partir de laços identitários que vão além da questão étnica. Trata-se, agora, de um posicionamento estratégico enquanto atores políticos na luta por seus direitos sociais e culturais.

2 – AS REDES DE MOVIMENTOS SOCIAIS

Para Scherer-Warren (2006a, p. 215), a noção de redes para o estudo dos chamados *novos movimentos sociais*, por meio das Teorias dos Novos Movimentos Sociais e Teorias da Mobilização de Recursos, surge na década de 1970. Mas é somente em 1990 que a aplicação dessas teorias para o entendimento de coletivos políticos na *sociedade da informação*⁴ começa a se intensificar.

É importante fazer uma diferenciação entre o que se entende por “redes sociais”, “coletivo em rede” e “redes de movimentos sociais”. As redes sociais referem-se a uma comunidade de sentido, na qual os atores ou agentes sociais estão ligados entre si pelos laços dessa rede, com tipos de interação com certa continuidade ou estruturação, tais como as redes de parentesco, redes de amizade, redes comunitárias variadas, contendo ou não uma organização formal (SCHERER-WARREN, 2006b, p. 2).

Para Ilse Scherer-Warren (2006a, p. 216), o coletivo em rede “refere-se a conexões numa primeira instância comunicacional, instrumentalizada através de redes técnicas”. Já a rede de movimentos sociais são mais complexas, transcendendo organizações empiricamente delimitadas e conectando “simbólica e solidaristicamente, sujeitos individuais e atores coletivos, cujas identidades vão se constituindo num processo dialógico” de identificações sociais e de negociações e resistências aos adversários e aos mecanismos de discriminação.

Jean Cohen (2003 apud SCHERER-WARREN, 2008) estabelece cinco níveis na análise do formato de rede: organizacional, narrativo, doutrinal, tecnológico e social. O nível *organizacional* explica a especificidade dos movimentos sociais em rede, aqueles com uma multiplicidade de atores políticos, de tradições organizativas diferenciadas, ora hierárquicas ora de um ideário de organização em rede, cujas diferenças podem gerar tensões e ambigüidades no interior das redes, bem como criar espaços de práticas democratizantes.

Os níveis narrativo e doutrinal na América Latina, segundo Scherer-Warren, tendem a se articular nas práticas discursivas, que aliam tanto a memória da exclusão, quanto as consequências disso no presente.

⁴ Para Mattelart (2006, p. 234), a história dessa denominação está carregada de ambigüidades. É preciso levar em consideração os pressupostos ideológicos do termo “informação”, que para esse autor está separada da cultura e da memória. Utiliza-se o termo *sociedade da informação* mesmo assim, por ser citado pela autora cujos conceitos são chave para a reflexão ao longo do artigo.



A releitura da história e a sua tradução em novas referências simbólicas e ideários que encontram ecos no cotidiano dos grupos subalternos cria condições propícias para que os mesmos se realizem em relação à herança social de sua condição humana, recuperem e reinterpretem signos culturais (por exemplo, o de raça e o de etnia), construam identidades coletivas e se reconheçam mutuamente como sujeitos de direitos (SCHERER-WARREN, 2008, p. 11).

O nível tecnológico é considerado por Scherer-Warren como relevante para a formação de uma sociedade civil mundializada. Os recursos tecnológicos auxiliam na comunicação além do local, além de serem um elemento facilitador na difusão dos ideários em construção pelos sujeitos, embora não sejam o único meio de mobilização de uma rede de movimento social.

Por fim, o nível social ressalta os vínculos sociais e pessoais e sua capacidade de gerar conexão, mobilização e empoderamento. A relação inter-individual e inter-organizacional é necessária na construção da identidade dos movimentos. Apesar do uso das tecnologias em algumas redes, os encontros presenciais (reuniões, seminários, assembleias, etc.) continuam sendo muito valorizados, pois neles é onde ocorre a experiência da prática na política, os vínculos mais duradouros no interior da rede.

As redes de movimentos sociais podem apresentar três dimensões: Temporalidade (tempos sociais distintos), Espacialidade (territorialidades virtuais e presenciais), Sociabilidade (novas formas de relações sociais). A multidimensionalidade das redes é essencial para entender os sujeitos coletivos emergentes, como diz Scherer-Warren (2006a, p. 224-225). Daí a proposta de analisar os atores com tempos sociais diferenciados, espacialidades de diferentes escalas e “vínculos sociais que podem vir a se mover da cotidianidade à esfera pública e à construção de utopias de transformação”.

3 – A COMUNICAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DAS REDES

Como a comunicação pode ser estratégica para a construção das redes de movimentos sociais? A comunicação na contemporaneidade passa a ser uma dimensão nova da sociabilidade dos dias de hoje, isto é, ela é participante da configuração do social.

Cohen citado por Scherer-Warren explica como concebe uma rede com laços fortes:



A rede será forte se incluir uma história que persuade e integra seus membros; se abranger estratégias e métodos colaborativos baseados em uma doutrina bem definida; se utilizar sistemas avançados de comunicação e apoiar-se em vínculos sociais e pessoais fortes (COHEN, 2003, p. 436 apud SCHERER-WARREN, 2008, p. 8).

Adair Peruzzolo (2006) concebe a comunicação a partir do valor e do lugar dos comunicantes na construção das formas de vida e cultura. Sistematiza, assim, o entendimento da comunicação em três partes: a primeira é a comunicação desde a sua natureza, isto é, a busca do sentido que instala a comunicação, a necessidade do animal de satisfação de um desejo imediato, guiado, pela percepção e a partir da qual chegará à representação; a segunda é a ligação dessa comunicação com o social; e por fim como a mediação se propõe na relação comunicação-sociedade.

Deve-se entender que para comunicar é preciso um meio, não o meio reduzido a ferramentas (MARTÍN-BARBERO, 2008). O meio é justamente representar o que se quer comunicar. Essa representação se expressa pela linguagem, que organiza e representa aquilo que o comunicante quer mostrar para chegar ao outro, mas que constrói, também, o outro como termo da relação de comunicação (PERUZZOLO, 2006, p. 45). A mensagem passa a ser, então, a partir da percepção de estímulos externos, um “pacote de representações” que levará às significações sociais.

Por isso, a força das redes passa tanto pela comunicação enquanto relação, que fortifica os vínculos sociais, quanto pela comunicação que se dá através de um meio de representação à distância, que pode ser a linguagem, ou mesmo uma “prótese tecnológica” (SODRÉ, 2006), um meio técnico.

No caso do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia, a tentativa de construção de uma rede forte está justamente na multidimensionalidade percebida no projeto.

4 – O PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA

O Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (UEA-UFAM-UNAMAZ-CNPQ- FUNDACAO FORD⁵ e diversas organizações políticas representando os agentes sociais) vem sendo desenvolvido desde julho de 2005, coordenado pelo antropólogo Alfredo Wagner Berno de Almeida. Podemos entender o

⁵ O PNCSA é vinculado formalmente a estas instituições: Universidade do Estado do Amazonas (UEA); Universidade Federal do Amazonas (UFAM); Associação de Universidades Amazônicas (UNAMAZ); Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Fundação Ford.



Projeto Nova Cartografia como um projeto de natureza em princípio teórica, mas que dialoga com formas de mapeamento social participativo, ou seja, ensina populações tradicionais a empregar o GPS e a usar técnicas de georreferenciamento para produzir mapas de suas próprias terras.

O PNCSA propõe-se a elaborar uma série de fascículos que visualizem fenômenos e produzam uma leitura da problemática social, econômica e ecológica na e a partir da experiência dos agentes sociais. São produzidos, além dos mapas situacionais contidos nos fascículos, materiais como livros, textos, vídeos e fotografias. São vários os pesquisadores envolvidos nesse trabalho de cartografia, trazendo contribuições das mais diversas áreas do conhecimento como antropologia, direito, geografia, biologia, sociologia, história, comunicação.

Em 2006 o Projeto expandiu o mapeamento para fora da Amazônia com o Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil (PPGSCA/UFAM - FUND. FORD – MMA – MDS). As parcerias e trocas entre pesquisadores e movimentos intensificaram-se de tal modo que começou a se constituir nos chamados núcleos espalhados pelo Brasil, organizados em planos diferenciados, isto é, em realidades sociais diversas, não tendo, por isso, um desdobramento homogêneo das suas ações. A ideia é dar visibilidade aos esforços mobilizatórios dos agentes sociais nas lutas por direitos e cidadania.

Os últimos esforços do PNCSA foram no sentido de criar o Instituto Nova Cartografia. As discussões sobre a formalização do Instituto duraram cerca de dois anos e foi feita durante os encontros anuais entre pesquisadores e movimentos sociais. A principal preocupação era perder a relação horizontal do projeto. Nas falas do *pai de santo* Luis Tayandô, um dos integrantes do movimento de afro-religiosos de Belém-PA, mapeado pelo PNCSA, o Instituto deveria ser “o que reconhecemos ser”. O Instituto Nova Cartografia Social, com sede é em Manaus, Amazonas, é uma tentativa de melhorar as relações entre as redes de pesquisadores espalhados pelos núcleos, a saber: Núcleo Amazonas (abrange também o estado de Rondônia); Núcleo Pará (Belém e Marabá); Núcleo Bahia (laboratórios em Paulo Afonso e Salvador, contemplando os estados de Sergipe e Alagoas); Núcleo Maranhão (São Luis e Caxias), Núcleo Paraná (abrange região Sul: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul); Núcleo Acre e Mato Grosso; Núcleo Pernambuco; há também parcerias com Argentina e Guiana Francesa, além de pesquisadores independentes que se tornam, porventura, colaboradores.



5 – REFLEXÃO SOBRE A REDE CRIADA NO PNCSA

Acho que a Cartografia Social tem nos possibilitado de olhar a nossa realidade no Maranhão, nas nossas comunidades, mesmo lá no finzinho do mato e também nos possibilitado ver que a vida de outras comunidades, em outros países até, não são muito diferentes da nossa vida aqui. Os problemas de lá são os problemas daqui. Isso faz com que a gente se olhe, olhe pra um lado e olhe pro outro e veja que não estamos sozinhos, que a caminhada é árdua, a luta é pesada, mas a gente tem que olhar e seguir em frente.

(D. Dijé, na abertura do IV Encontro de pesquisadores e Movimentos Sociais do PNCSA, 2009)

Diante do exposto até aqui acerca do entendimento de redes de movimentos sociais e também das atividades do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia, vamos refletir sobre a rede do PNCSA como estratégia de comunicação e emponderamento, além da multidimensionalidade dessa rede.

A comunicação entre os membros da rede e a projeção das reivindicações estratégico-políticas dos movimentos nos espaços de discussão política se dá tanto pela comunicação enquanto relação, no encontro face a face, quanto pela comunicação mediada por um meio técnico. No caso do PNCSA, há uso da internet, de materiais audiovisuais como vídeodocumentários e fotografias, livros com resultados de pesquisa, boletim informativos, além do fascículo contendo o mapa situacional desenhado pelos próprios movimentos.

As redes apresentam, como já citado na definição de Scherer-Warren (2006), três dimensões de análise. A primeira dimensão – temporalidades diferenciadas –, está presentes no PNCSA na medida em que os esforços de mapeamento são de identidades coletivas objetivadas nos chamados novos movimentos sociais. Estão presentes grupos sociais muito diversos que vão de populações tradicionais (Quilombolas, Pescadores, Indígenas, Quebradeiras de Coco-babaçu etc) a grupos em conflitos nas cidades como homossexuais, afro-religiosos e indígenas das cidades.

A espacialidade (territorialidades virtuais e presenciais e a conexão entre ambas) é observada quando há a rede virtual, conectada por meio do site do projeto <http://www.novacartografiasocial.com/>, com todo o material produzido disponível para download gratuitamente, transcendendo o local, que vai de lugares isolados na região amazônica a núcleos urbanos complexos. Mas o contato primário, das relações



presenciais, se mantém nos encontros realizados anualmente para balanço do projeto e na relação de pesquisa no momento de produção dos fascículos.

A Sociabilidade (novas formas de relações sociais) se apresenta nos vínculos sociais criados entre movimentos-movimentos e movimentos-pesquisadores. O projeto constrói sua metodologia e sua sociabilidade, não por meio de uma relação pesquisador-movimentos sociais de modo hierárquico, com sobreposição de saberes, mas sim por meio de uma relação autônoma entre os dois modos de produção do saber. Assim, com inspiração em Sousa Santos (2006), aposta-se, aqui, num partilhamento de autoridades, numa nova relação, mais balanceada, entre conhecimento científico e outras formas de conhecimento. Além disso, o posicionamento estratégico dos novos movimentos sociais mapeados pelo PNCSA possibilitam sua luta pelo reconhecimento nas esferas públicas com vias a transformação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As redes de movimentos sociais articulam uma multiplicidades de atores coletivos cujas pautas ora são comuns ora conflitantes. Para Boaventura de Sousa Santos (2008), “o potencial anti-sistêmico ou contra-hegemônico de qualquer movimento social reside na sua capacidade de articulação com outros movimentos, com as suas formas de organização e os seus objectivos”. Os movimentos precisam realizar uma espécie de *trabalho de tradução* que “visa esclarecer o que une e o que separa os diferentes movimentos e as diferentes práticas, de modo a determinar as possibilidades e os limites da articulação ou agregação entre eles” (SANTOS, 2008 apud SCHERER-WARREN, 2008, p. 5).

E é nesse *trabalho de tradução* e de articulação entre os diferentes movimentos que as redes quanto estratégia de comunicação são fundamentais. Ainda há muito o que se descobrir sobre os desdobramentos do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia. Porém, nesta breve reflexão constatou-se que eles utilizam formas de comunicação diversas, lançando mão da multidimensionalidade da sua rede, dialogando temporalidades distintas, espacialidades diversas e vínculos sociais estratégicos.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Os Estudos Culturais. In: HOHLFELDT, Antonio et. al. **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2002.

HAESBAERT, Rogério; ARAÚJO, Frederico de. Identidades e Territórios: questões e olhares contemporâneos. Rio de Janeiro: Access, 2007.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Dênis de (Org.). **Sociedade Mdiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006

_____. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 5.ed. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

MATTELART, Armand. Para que “nova ordem mundial da informação”. In: **Sociedade mdiatizada**. MORAES, Dênis (Org.) Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

PERUZZOLO, Adair Caetano. **A comunicação como encontro**. Bauru, SP: Edusc, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **Sociologia das ausências e das emergências**. Disponível em: www.ces.uc.pt/bss/documentos/sociologia_das_ausencias.pdf. 2008.

SCHERER-WARREN, Ilse. Redes Sociais na Sociedade da Informação. In: CASTRO, Maria C. P. S.; MAIA, Rousiley (Orgs.). **Mídia, esfera pública e identidades coletivas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006a.

_____. **Das mobilizações às redes de movimentos sociais**. Revista Sociedade e Estado. Brasília-DF, v.21, p.109 - 130, 2006b.

_____. **Redes de movimentos sociais**. 3.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

_____. **Redes de movimentos sociais na América Latina: Caminhos para uma política emancipatória?** In: Conferência de abertura à Sessão 4 - O “global” em questão: redes e movimentos sociais transnacionais, no Seminário Nacional “Movimentos Sociais e os novos sentidos da política”, 5 a 7 de junho de 2008, UFBA, Salvador, BA. Disponível em: <http://www.scientificcircle.com/pt/105262/redes-movimentos-sociais-america-latina-caminhos-politica/>

SODRÉ, Muniz. Eticidade, campo comunicacional e midiatização. In: **Sociedade mdiatizada**. MORAES, Dênis (Org.) Rio de Janeiro: Mauad, 2006.